

Coimbra

JORNAL DE ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE

ANO II

29 DE MARÇO DE 1935

N.º 14

PREÇO 50 CENTAVOS

Redacção e Administração
Associação Académica de Coimbra

Direcção e propriedade de
Jorge de Moraes e António Cruz (editor)
Administrador: **JOAQUIM DUARTE DE OLIVEIRA**

Composto e Impresso na
Casa Minerva — Coimbra

APROXIMAM-SE as festas da Queima das Fitas. Um dos números do seu programa — que este ano se apresenta aumentado e com grande brilhantismo — é a realização duma «garraiada» no Coliseu de S. Clara. Essa «garraiada» era antigamente iniciada por um cavaleiro profissional, mas esse papel foi caindo depois nas mãos de cavaleiros mais ou menos amadores...

Chamamos a atenção da Comissão Central da Queima das Fitas de este ano para a necessidade que existe de convidar um bom cavaleiro profissional para abrir o espectáculo. A «garraiada» terá assim um maior interesse e proporcionará aos aficcionados de Coimbra, onde não se realizam há muito estes espectáculos, ocasião de assistir a alguns lances da arte de tourear.

COM a assistência de muitos Professores universitários e centenares de estudantes, foi inaugurada, no passado dia 23, pelo sr. Embaixador e pela sr.ª Embaixatriz de Inglaterra, uma exposição de revistas inglesas, na Biblioteca da Universidade.

No acto, que se revestiu do maior brilhantismo, pronunciou um oportuno e claro discurso o ilustre Director daquele estabelecimento de alta cultura e Professor da Faculdade de Letras, sr. Doutor Providência Costa. O sr. Embaixador de Inglaterra agradeceu e pôs em destaque a acção exercida pelo sr. Director da Biblioteca.

A exposição continua patente ao público.

AQUELE terceiro da estrada do edifício da Faculdade de Letras... Aquela pobre e abandonada Alameda de Camões...

Será necessário, doravante, compor mais reclamações em grossos caracteres reservados aos anúncios, para elas serem lidas? Se é, digam-no, com franqueza!

Basta! A indignação não nos permite mais uma linha, sequer.

O significado duma Homenagem

A Academia de Coimbra vai, finalmente, caso não surja, de caminho, qualquer obstáculo que não seja possível remover, prestar uma singela mas bem significativa homenagem aos estudantes da Universidade que tombaram nos campos da Flandres e Africa, durante a Grande Guerra. Como tem sido anunciado, será deserrada no próximo dia 9 — data em que se comemora um feito glorioso do nosso Exército — uma lápide que perpetuará, para lembrança e exemplo dos escolares de todas as eras, o esforço dispendido pelos seus camaradas de 1914-1918, em defeza do Direito, da Justiça, — e de Portugal.

À iniciativa desta homenagem partiu do nosso querido amigo sr. dr. Fernandes Martins, advogado ilustre que deixou o seu nome ligado, para todo o sempre, à Académica de Coimbra. O nosso jornal acarinhou a iniciativa e levou-a por diante. Sentimo-nos deveras orgulhosos, por esse facto. E' que nessa homenagem, somatória de mil esforços dispendidos com boa vontade e abnegação, reside a melhor prova da confiança que os estudantes de Coimbra — os que freqüentam a Universidade e aqueles que já a freqüentaram — depositam no nosso jornal e na sua acção. Numa época em que o egoísmo e o materialismo, de mãos dadas, pretendem dominar todas as manifestações da vida, é consolador presenciar o desenvolvimento, a vitória, até, duma obra de carácter estritamente espiritual — pelo convívio que suscita entre estudantes, pelas relações que estabelece entre estes e os Professores e pela cultura geral que dissemina — como é a obra levada avante pelo *Coimbra*, que pretende ser, é e será sempre e apenas um jornal de estudantes da Universidade.

APARECERAM já nos jornais as primeiras notícias referentes ao Curso de Férias organizado pela Faculdade de Letras. Anunciam-se algumas aulas e conferências do maior interesse, a cargo de Professores daquela faculdade.

Mais uma vez lembramos que é indispensável fazer-se a maior propaganda do Curso de Férias. Dia a dia se recebem em Coimbra cartazes e folhetos de reclamo a cursos similares organizados pelas universidades estrangeiras.

Parece que o exemplo é bem claro e convincente; oxalá o sigam.

ESTÃO patentes no aldrão da Associação Académica as contas da actual gerência respeitantes aos três ultimos meses.

Apraz-nos louvar este facto e louvamos a direcção da Associação Académica pela sua acertada e meritória gerência.

AO lado dos directores e proprietários do Coimbra, aparece hoje o nome do novo administrador deste jornal, sr. dr. Joaquim Duarte de Oliveira.

O novo companheiro de trabalho não carece de apresentações. A sua acção, quer dentro do Orfeão Académico, quer dentro das outras agremiações académicas que dirige e dirige, está aí bem patente. Só nos felicitamos por o termos, agora, também ao nosso lado.

PROMOVIDA pela Escola Livre das Artes e do Desenho, inaugura-se segunda-feira, pelas 15 horas, uma Exposição de Arte nos Salões da Camara Municipal de Coimbra, com a colaboração dos melhores artistas nacionais.

A esta exposição está reservado o maior êxito e constitui motivo de orgulho para aquela entidade.

(Continua na pag. 5)

VISADO PELA CENSURA

A CASA MISARELAS & C.^A APRESENTA

*OS MAIS LINDOS
PADRÕES DE LANIFÍCIOS
FABRICADOS NO PAÍS.*

*COLOSSAL EXISTEN-
CIA DE TODAS AS
FABRÍCAS DE
PORTUGAL*

*RUA VISCONDE DA LUZ
49, 51, 53*

COIMBRA

TELE FONE. 38
GRAMAS. MISARELAS



TENÇÃO!

António Dias da Conceição, proprietário da Adega da Rua Sota, 16, comunica à malta que acaba de receber directamente do Lavrador o formidável VINHO VERDE DE VIZELA.

Este vinho é um assombro!

Só provando se pode avaliar esta especialidade. Que ninguém deixe de visitar a Adega da Rua da Sota.

Deste vinho não há em parte nenhuma do Mundo.

Mais do que certo é a casa que mais sortido tem nos artigos de Verão. Voils, Sêdas, Crepes, etc., etc.

JORGE MENDES

97, Praça do Comercio, 100

COIMBRA

Em Lisboa o Hotel preferido pelos
estudantes de Coimbra é o

Suisso Atlantico Hotel

Cosinha higiénica

Quartos esplendidos

Preços especiais

para excursões

RUA DA GLÓRIA. 3

LISBOA

Deseja V. Ex.^a vestir com elegancia?

Deseja que os seus fatos pelo esmerado acabamento causem a admiração dos seus amigos? Pois tal desejo só poderá ser satisfeito na alfaiataria de António Rodrigues Nogueira, cita na Praça Velha, n.º 39-I.º

Telefone 1064.

Preços reduzidos á malta!...

Mas eu não quero nem devo demorar por mais tempo o leitor. Aí vão, pois, os

ESTATUTOS E ORDENAÇÕES FEITAS
A'S MADRES DISCRETAS, E MAIS
RELIGIOZAS DO MOSTR.º DE
SANCTA ANNA DE COIMBRA
SOBRE O BOM GOVERNO,
E ACATO DOS AMANTES

Por q̃ na vezita passada q̃ fes o Sôr Bispo Conde se mandaraõ resgar os antigos estatutos desta Caza por cuja falta tem padecido grandes detrim^{tos}, e nós perdido m^{to} do nosso antigo brio, assim porq̃ a vista dos apertos desua Senhoria acodem poucos Amantes, e por maos exemplos esperaõ q̃ os roquem, como porq̃ as Madres modernas com medo deserem culpados procedem no trato sem consultarem as discretas, e Ancians p.^a as intraiem no q̃ deuem fazer; dezejando nós redazir tudo á antiga observancia e prouer nos cazos futuros. Primeiramente

1 Ordenamos, e mandamos q̃ toda a Religioza aquem se não offerecer Amante possa emcomendar a M^a fr^{ca}, ou a outra qualquer mulher do Pateo, q̃ do cazo ouder de conhecer, q̃ lhe basque cuidados sempor isso emcorrer em menos cabo de sua pessoa.

(Continua)

*cobre a vista o aprazível das quintas de huma, e outra parte da Cidade, as Cristallinas agoas do Mondego. E tudo o mais que a vista pode dezejear ver nesta Cidade. tem huma Cerca com muitas E curiozas fontes dentro da qual ha muito que ver.*¹

De todos tão celebradas, era de esperar que as freiras de Santa Ana não fôsem esquecidas por aqueles que se encontravam á testa dos negócios do reino. Quem sabe se muitos dêles não teriam perdido também o seu tempo nas rondas da portaria do convento!

Três documentos do Arquivo Municipal nos falam dessa protecção. O 1.º datado de 10 de outubro de 1720, é uma «Provisão do Dezembargo do Paço havendo por bem que as religiosas do mosteiro de S. Anna podessem nomear juiz, que executivamente cobrasse as suas dívidas». Segue-se uma outra provisão de 16 de agosto de 1787, «havendo por bem que as religiosas... podessem nomear um tabelião da cidade para fazer as

¹ Todo o capitulo dedicado a Coimbra, assim como os capitulos dedicados a Lisboa e Evora que compõem, com êle, o fragmento desta obra manuscrita e inédita que anda no códice n.º 677 da Bibliotheca da Universidade, é de veras interessante e contém muitas noticias da cidade nos principios do sec. 17. Por esse motivo, publicarei, na integra, esse capitulo, num trabalho especial e tão depressa as circunstâncias o permitam.

² Livro IV da Correia, fol. 150.

PETROLEO

MINERVA

para a beleza e boa conservação do cabelo

Infalível contra a queda do cabelo. Cura radicalmente a caspa, as afecções do couro cabeludo e da barba, bem como: Trichophytis, impingens e eczemas.

Dá vigor aos cabelos enfraquecidos e activa o seu crescimento.

Modo de usar

Aplica-se como qualquer loção, friccionando bem a cabeça. Para outras aplicações, friccionar com um pouco de algodão embebido neste líquido duas vezes por dia.

Champoo líquido

MINERVA

Sabão líquido, contendo um bom conjunto de produtos antisepticos.

Limpa radicalmente a cabeça servindo ao mesmo tempo de desinfectante.

Modo de usar

Deita-se umas gotas deste líquido na cabeça. Em seguida a mesma porção de água. Friccionando produz muita espuma que desaparece rapidamente lavando a cabeça com água limpa.

Todas as pessoas que fizerem uso do **Petroleo Minerva**, devem lavar a cabeça uma vez por semana com **Champoo Líquido Minerva**, garantindo-se o desaparecimento da caspa.

A venda em todas as drogarias, farmácias, barbearias e bazares

Petroleo Minerva: . . . **Frasco 12\$50**
Champoo líquido Minerva: **Frasco 10\$00**

Laboratorio Minerva

COIMBRA

O significado duma homenagem

(Conclusão da pag. 1)

A homenagem do próximo dia 9, mais do que aquele significado inerente ao acto — lembrar os estudantes mortos na Grande Guerra — tem um outro significado não menos importante: demonstra que a *Alma mater* Conimbrigense não perdeu ainda aqueles seus estranhos filtros de encantamento que obrigam a viverem sempre unidos, a caminharem sempre de mãos dadas todos aqueles que por cá passaram algum dia. Mais ainda: será a melhor prova do desejo que todos e a todos os instantes manifestam, que lhes seja permitido, hoje e sempre, trabalhar pela prosperidade de Portugal e pela Paz dos povos.

ESTUDANTES:

Preferi as casas que anunciam neste jornal

Alberto da Silva Aguiar

Courça de Lisboa, 47

Alfaiataria Aguiar

Encarrega-se da execução de qualquer obra, com perfeição e rapidez. Preços reduzidos.

10 AS FREIRAS DE SANT'ANA

eserituras dos seus contratos, ficando na distribuição inteirados os outros tabaliães¹. Finalmente, a última provisão datada de 18 de fevereiro de 1788, estabelece «que nenhum tabelião lavrasse escritura alguma de contrato de bens pertencentes ao mosteiro de S. Anna sem a licença d'este, e o conhecimento do pagamento do l'adémio²». Para o tempo, estes privilégios são de véras importantes. Mas eles interessam mais à história do convento do que à crónica dos amores das suas freiras...

* * *

Comentando a versalhada dama outra miscelânea manuscrita dos códices da Biblioteca da Universidade³, o erudito investigador António Gomes da Rocha Madail, Conservador do Arquivo e Museu de Arte da Universidade, a-propósito destes versos

*Que dirão agora as Freiras
do Mosteyro de Santa Anna,
quando ouvirem que athé burros
querem aqui ter entrada?*

¹ Livro LVII do Registo, fol. 190 v.

² Tomo 2.º do Registo da Legislação, fol. 230 v.

³ A inédita aventura duma freira que tinha a singularidade nunca vista de se parecer... com a

11 AS FREIRAS DE SANT'ANA

escreveva o seguinte: «As freiras de Sant'Ana aqui chamadas a terreiro pelas de Santa Clara, deixaram nome na história amorosa dos conventos de Coimbra; conheço até, com data de 1632, uns *Estatutos e Ordenações feitas às Madres discretas e mais Religiosas do Mosteiro de Santa Anna de Coimbra sobre o bom governo e trato dos Amantes*, obra muito completa e substanciosa, que é preciso compreender a dentro do espírito da sua época, para o qual, aliás constitui curioso documento». Adiante se publicam estes *Estatutos e Ordenações*, que andam no manuscrito n.º 79 da Biblioteca da Universidade. Que se trata duma obra muito completa e substanciosa, vai o leitor ter ocasião de apreciar, se para tanto lhe der a paciência, — ou a curiosidade. E não perderá o seu tempo.

Obra dalgum despeitado, estes Estatutos e Ordenações traduzem, no entanto, o que das freiras de Sant'Ana pensaria uma grande parte da mocidade do tempo. Porque não sartisse, por vezes, ou quasi sempre, o resultado apeteido das rondas que os moços empreendiam em torno do convento, elles tinham que se vingar das freirinhas... E a vingança — concordemos... — não podia ser mais completa, — nem mais correcta.

UM POETA DO SECULO XVII

Ao Ilustre Professor Sr. Doutor Rocha Brito

Em 1628, saía das oficinas de Mateus Pinheiro, em Lisboa, um pequeno volume—hoje bastante raro—intitulado *Rimas Várias*, de António Alvares Soares, dedicado a D. Miguel de Noronha, Conde de Linhares, do conselho de El-Rei e Alcaide-Mór de Viseu. Logo ao rôsto se seguia uma extensa carta de justificação da dedicatória. António Alvares Soares relembra nela, tudo quanto se passou à ródá da acção do Conde de Linhares, durante o tempo que serviu de Capitão Geral e Governador da Cidade de Tanger. Para melhor salientar o valor e os méritos do seu Mecenas, transcreve, até, a sentença de residência, passada em Lisboa a 2 de Outubro de 1628, a favor de D. Miguel de Noronha. E acaba dêste geito:

« Sendo pois V. S. o que a meza do Paço declara, Sua Magestada acredita, & todo o mundo confessa, confiança me fica, que V. S. não negará as minhas Rimas o patrocínio, que concede a todos; & de que elas necessitam para serem bem recebidas, & que lhe merece meu animo, para eu ficar mais acreditado. E guarde Deos a V. S. como desejo, com o aumento de estado que se lhe deve. Lisboa, 15 de Outubro de 628 ».

Para bom entendedor meia palavra basta. E nós ficámos a saber, pois, através das suas palavras acima transcritas, o que deseja o poeta António Alvares Soares. Não se pôde negar, até, certa originalidade — para o tempo — nesta maneira de requerer protecção, em difícil momento da vida.

Demorar-se-ia o auxílio? Por certo que não. Ele costumava premiar, e bem, todos os cantos deferidos nas líras seiscentistas em honra e louvor dos seus feitos. Tanto que se organizou, até, um certame público, a que concorreram quasi todos os poetas do tempo e que tinha por fim celebrar uma aventura de D. Miguel de Noronha em Tanger, onde matou um leão. Foram todos os concorrentes premiados, isto é, recompensados. A palma da vitória—correspondente, neste caso, à melhor e mais choruda remuneração—coube a António Alvares Soares. Ganhou-a com o soneto seguinte, publicado a fls. 14 « verso » das suas *Rimas Várias*:

*Ostentasse feroz, enveste ousado,
O Rey das feras, generosa fera,
Teu heroico brio seu furor espéra,
Em braço forte, em animo esforçado.*

*Vences, o invicto Conde, & dilatado
Teu valor, chega á luminosa esfera,
Onde tal horror forma que se altera
O celeste Leão de amedrentado.*

*Morre o terror do monte, agradecido
Tanto de ser as tuas mãos, que gloria
Te ministra no sangue, & no bramido.*

*Sendo o bramido aplauso da vitória,
Sendo tinta o purpureo humor vertido,
Com que te estampem em imortal memoria.*

O Conde de Linhares mereceu outras composições a Antonio Alvares Soares. O poeta, no entanto, prendia-se também com outras banalidades, como era de uso e costume do tempo. Dedicava sonetos a uma dama rigorosa que saiu a caçar com escopêta, á sangria doutra dama rigorosa, a outra dama que, estando na igreja, lhe deu o sol na cara, etc. Entre os sonetos vem um, até, dedicado a uma dama que, ao anoitecer, saiu do campo num côche, com flores na mão...

Para um melhor conhecimento do poeta, transcreve-se mais uma das poucas composições em português reunidas nas suas *Rimas várias*,—um soneto dedicado a uma *Senhora, chorosa por seu amante que se embarcava*. El-lo:

*Nesses suspiros tristes, nessas puras
Lágrimas, que gerou o apartamento,
Testemunhas fieis do sentimento,
Queixumes brandos de tristezas duras.*

*Bem senhora mostrais, que das venturas
Que hoje vos rouba o mar, vos rouba o vento,
Sustitutas serão no pensamento,
Dos claros dias já, trevas escuras.*

*Porem, se não quereis dobrar as magoas,
Ah, limitai o suspirar queixoso,
E a corrente fiel ponde humida.*

*Pois dando força ao vento, brio as agoas,
Empelen as ondas o Baxel diloso,
Vos rouba o vento mais depressa a vida.*

Que estas linhas descoloridas e despretenciosas tenha mo condão de despertar interesse para um melhor conhecimento da obra do poeta seiscentista Antonio Alvares Soares,—eis o meu desejo. Outro fim não tive em vista, ao traçá-las. Escrevendo na padieira do artigo o nome do ilustre professor a quem elas são dedicadas, pretendi apenas render as minhas homenagens — singelas mas t e n sen idas—ao catedrático que vive fóra dos dognas para se devotar ao convívio dos escolares e ao estudo de glórias passadas e que muitas vezes me tem dado a honra de me chamar para colaborar consigo em trabalho de investigação — conduzindo-me àquele labor espiritual que nos deleita e para todo o sempre nos encanta com suas surpresas.

Que mais dizer, senhores? A gratidão supre maior discurso. Transbordando da minha alma, há-de sempre derramar-se sobre os meus gestos. Aguardemos que a vida demonstre isto mesmo.

Coimbra, Março de 1935. Antonio Cruz.

A agradecer

Para "Coimbra", jornal de estudantes para estudantes, pobres palavras minhas em nome do Orfeon. De gratidão ao Porto-Bom, a Braga, a Viana, a Ponte do Lima, às terras e às pessoas a quem deixamos as nossas canções com o nosso agradecimento por recepções festivas. A's mulheres do Norte, da Coimbra distante, o oferecimento dos nossos corações mais uma vez, em holocausto à sedução enebriante dos seus sorrisos tentadores. Ao Minho que percorremos — lés a lés — confessamos a dívida de amor que contraimos por nos ter embalado na ilusão dum feliz desprendimento das lutas intestinas, contemplando o milagre da natureza no milagre dos ali-cercas da Nacionalidade Augusta. Mocidade nossa na mocidade da Nação no seu berço, confundidas, agradecem a homenagem e o calor do acolhimento fidalgo.

Coimbra, 29 de Março de 1935

JOÃO ASSIS PEREIRA DE MELLO

DESPORTOS

O PORTO NAO TEM CULPA

Vai jogar em Coimbra, com o grapo de Honra da Associação Académica, o Académico do Porto, para o campeonato da primeira liga.

Os estudantes de Coimbra, perfeitamente integrados nos seus princípios da sua boa educação, vão de certo dispensar aos jogadores da capital do Norte as melhores provas da sua estima e apreço, compreendendo que nem eles nem a cidade do Porto são responsáveis pela incorrecção selvagem daquelas centenas de indivíduos que constituem a claqué do Foot-Ball Club do Porto e que receberam, conforme as suas possibilidades, o glorioso Orfeon Académico de Coimbra.

O procedimento da referida claqué é inqualificável. A imprensa assim o compreendeu unanimemente e, se porventura a sensibilidade não está nêles completamente atrofiada, — o que infelizmente deve ter acontecido, concerteza que os elogios que mereceram a todos os jornais dignos do País, não lhes haviam de doer menos que as chibatadas justissimas com que a prestigiosa corporação da Policia do Porto lhes acariçou a cara.

Tais indivíduos, provocadores e falhos em absoluto de educação, trazendo a discórdia a Coimbra, levando a desordem a Lisboa e originando no Porto o espectáculo mais repugnante que já se viu, não dignificam a cidade a que pertencem nem ela, por tantos exemplos nobres que tem dado, merece a sua indignidade.

Por compaixão não lhes dirigimos daqui a nossa repulsa, certos de que é sufficiente aquella que a gente digna do Porto lhes tributoa.

Honrou-se a Academia do Porto, não desmentindo as suas gloriosissimas tradições.

Prestigiaram-se — ainda mais se é possível — as Autoridades da Cidade Invicta que delas se orgulha. Dignificaram-se e dignificaram a sua terra, tantas Senhoras, que não só dispensaram aos Estudantes de Coimbra a gentileza de suas graças e o calor dos seus aplausos, mas ainda duma forma enérgica e decidida, fizeram escorraçar pela força alguns indivíduos que as envergonhavam na sua própria terra sem o menor respeito pela sua presença!

Honrou-se, finalmente, a nobre cidade do Norte, pela infinita gentileza de que deu provas logo que das galérias do Teatro Sá da Bandeira foram varridas tão abjectas criaturas.

E se não soubessemos que no grapo de Honra do Foot-Ball Club do Porto há jogadores correctissimos e verdadeiros desportistas, a força das circunstâncias obrigar-nos-ia a lembrar à Federação Portuguesa de Foot-Ball a necessidade higiénica que se impunha de convidar aquelle grapo a jogar só na sua casa apenas com a sua claqué.

Que os jogadores do Académico do Porto venham, pois, na certeza de que a Academia de Coimbra não desmentirá a nobreza de que os Estudantes de Portugal legitimamente se orgulham e da qual os seus colegas do Porto acabam de dar tão alvantado exemplo.

JORGE DE MORAIS

AINDA SOBRE O RUI

O sr. Dr. Afonso Duarte, médico distinto e director do Reformatório da Guarda, acaba de ter a gentileza de nos informar do seguinte:

Nam desafio de foot-ball realizado entre os grupos dos alanos das 2.^a e 3.^a divisões daquele Reformatório, foi disputado um artístico quadro com o retrato de Rui Canha, distribuido pelos leitores do *Coimbra*, como separata do n.º 11 deste jornal.

Antes do encontro, aqueles grupos foram baptisados, respectivamente, com as designações de "Patria" e "Portugal", tendo servido de madrinhas as sr.^{as} DD. Maria Castelo Branco e Laura Duarte. Venceu o grupo "Patria" por 3 a 2.

Distribuiram-se artisticas bandeiras, honve discursos e subiram ao ar muitos foguetes. As ovações a Rui da Canha prolongaram-se durante todo o encontro. Por aqui se avalia o grau de simpatia em que é tido, mesmo fora de Coimbra, o simpático avançado-centro da Associação Académica, Rui Canha, ao mesmo tempo que se presta justiça ao seu valor. Só em Lisboa se continuará a ignorar que Rui Canha existe, — e que é insubstituível.

AS BOLACHAS E MASSAS DA

NACIONAL

as preferidas
são

O QUE FOI A VIAGEM DO ORFEON ACADE- MICO DE COIMBRA AO NORTE

Já não é a primeira vez que nestas colunas temos ocasião de nos referir ao Orfeon Académico de Coimbra. E por muitas vezes que isso tenha de acontecer, nunca é demais pôr em relevo o prestígio justamente conseguido por aquela agremiação, da qual a Academia bem justificadamente se orgulha pelas muitas honras que lhe deve.

Acaba o Orfeon de chegar da sua viagem ao norte do País, viagem essa tão acidentada, já pelo seu início no Porto, de tão más recordações, já pelo extraordinário carinho que as cidades minhotas dispensaram aos nossos Estudantes.

E para que possamos viver um pouco do que eles viveram, para que nos seja dado sentir algumas das suas mais vibrantes emoções, procuramos ouvir o nosso colega João de Sousa, estudante cheio de brio e daqueles que mais tem honrado a sua capa negra, que nele cobre uma alma cheia de nobreza e uma dedicação leal e bem nascida dos seus sentimentos de eleição.

João de Sousa, vice-presidente da Direcção actual, em palestra de agradabilíssimo convívio, começa a recordar...

— Saímos cheios de ansiedade, pois as informações que nos chegavam do Porto não eram das melhores. Porém, quando chegamos, a atitude nobilíssima da Academia portuense fez nascer em mim a esperança dum bom acolhimento.

— Mas enganou-se...

— Infelizmente! No entanto devemos render homenagem àquelas pessoas que, apesar de tudo, souberam dignificar a segunda cidade do País.

Mas... não faíemos mais nisso!

— De todas as terras que visitou, qual a que o impressionou melhor?...

— Não sei! Talvez Ponte do Lima, onde tivemos uma recepção indescritível!

Viana do Castelo, que eu já conhecia, é sempre nova para mim. A sua beleza é tanta que a impõe à minha sensibilidade como a verdadeira *princesa do Minho*!

— E Braga?

— Foi gentilíssima também, a mais não poder ser. Imediatamente esquecemos ali as amarguras sofridas no Porto!...

E, João de Sousa, a terminar:

— Venho encantado; e jamais esquecerei esta viagem que tantas emoções nos proporcionou!...

* *

*

Repudiando a insólita atitude de certos energúmenos para com o Orfeon Académico na sua visita ao Porto, aquela nossa velha e gloriosa agremiação académica recebeu os seguintes telegramas:

« Orfeão Scalabitano lamenta profundamente triste acontecimento Porto e apresenta êsse glorioso Orfeão suas mais calorosas saudações — Direcção ».

• Felicito vivamente querido Orfeão, seas mercedos triunfos — Elias de Aguiar — Lisboa ».

• Direcção [Orfeão Académico de Lisboa la-

FITA METRICA

*Há anos, no Liceu, o Mestre de latim,
Voltando-se p'ra mim.*

*Mandou-me traduzir, dum livresco bar ato,
O trecho conhecido: «Um monte pare um rato»*

*Palavra por palavra, eu disse aquilo tudo,
A relemburar meu estudo...*

*E lá cheguei ao fim. Porém, não bercebi
Qual a exacta moral de tudo quanto li...*

*Como podia ser, dum monte majestoso
Nascer um tam manhoso*

*E vil animalejo?... E... não pensei mais nisso!...
Até que agora, sim, desvenda-se o feitiço...*

*A Magna Briosa — o monte já citado —
Depois de ter berrado*

*E qu'rido espalifar o Orfeon inteiro
Nem deu, sequer, à luz, o tal rato matreiro!*

*Pergunto eu: então não foi parva tolice
Aquela vã palrice?!...*

*Se foi?... Eu sim, não vale a pena falar mais
P'ra tam ruim defunto... a cera é já demais...*

ASSIS PACHECO

mentando incidente Porto envia protestos melhor solidariedade académica — Freire, presidente ».

• Abraço queridos amigos orfeonistas repudiando vivamente manifestação Porto felicidades êxito artístico viva Orfeão — Barros ».

Durante o espectáculo realizado no Teatro de Sá da Bandeira, Porto, muitos Professores da Universidade do Porto foram cumprimentar o Orfeão Académico, manifestando-lhe toda a sua solidariedade.

A' partida para Braga, muitas senhoras foram também cumprimentar o Orfeão Académico.

Farmacia do Castelo

COIMBRA

Deposito de instrumentos
e mobiliário cirurgicos

Aparelhos de electricidade médica

Vidraria para Laboratorios Marca «Palex»

Preços de absoluta concorrência
com as casas de Lisboa e Porto

€ a sebenta?

O nosso ensino universitário tem sido ultimamente, objecto de variadíssimas críticas, vindas não só de entidades especializadas, dos meios oficiais, mas ainda daqueles sectores da vida contemporânea que fazem da actividade intelectual uma missão educativa e orientadora. O certo é que, na excitação exaustiva das paixões, no nervosismo das intenções destruidoras e cegueira perigosa dos ritmos apressados, um ponto houve que nunca foi atacado e que constitui um dos maiores males do nosso ensino.

Os nossos mestres, até os mais zelosos no seu apostolado oficial, têm lamentavelmente tranzigido com deformadora disseminação da sebenta nos meios escolares, esquecidos ou alheios aos incalculáveis prejuízos que esse limitado processo de divulgação cultural vai produzindo nas mentalidades estudantis e, portanto, no património espiritual (perdão o palavão!) da nossa juventude académica.

E essa tranzigência não pôde continuar a manter-se, desde que uma verdadeira reforma universitária seja eficazmente tentada, desde que se procure adaptar os programas ao complexo dinamismo do nosso momento histórico.

Na verdade, somos forçados a confessar as utilidades daqueles «apontamentos» (como elegantemente já lhes ouvi chamar) mas daí até ao ponto de transformarmos em verdadeiro culto, vai uma distância enorme. A sebenta, como instituição académica, tem inconvenientes notáveis: — Dá-nos uma ideia superficial dos problemas, problemas que, por vezes, são duma delicadeza sem limites e que, surgindo de improviso, provocam hesitações demasiado embaraçosas; deforma-nos o espírito, destruindo a elegância e a clareza dos juízos universais; molesta a correcção da linguagem, a pureza e transparência da expressão verbal; e, finalmente, sacrifica a simplicidade e espontaneidade da exposição dialéctica, ou mesmo discursiva, aos caprichos exóticos da frase contorsionada, difícil, deformada e deformante.

E de quem é a culpa? Dos estudantes que, regra geral, vão em demanda da assimilação fácil e mais facilmente totalizador ou, do próprio ensino universitário? Cabe-nos a nós a responsabilidade de termos transformado em verdadeira instituição universitária o culto fervoroso da *Deusa*, ou é aos programas oficiais, aos mestres e, sobretudo, ao Espectro do Exame que devemos atribuir tais malefícios?

A Ciência moderna, — e nesta expressão abranjo toda a actividade criadora do pensamento na sua relação com o universal, — sob o impulso das várias contribuições intelectuais e do que ela está devendo à actividade do homem, não pode viver, para bem da cultura e do universalismo, das suas deduções, num regime de especulação limitada em oposição ao ilimitado das suas concepções humanas. O superficialismo da sebenta, nestes termos, está em guerra aberta com o universalismo científico, sendo aquele um arremêdo caricato d'este, sempre que tentemos dar-lhe fóros de conhecimento total ou mesmo totalizante.

Nas nossas Universidades é prática corrente sacrificar-se tudo, toda a vida escolar, todo o labor científico, todo o esforço enriquecedor duma pedagogia activa aos curtos instantes dum exame final, como se esse pouco bastasse para uma apreciação prudente e tranquilizadora. Daí, o acanhadíssimo regime de sebenta dar completa evasão às exigências do nosso ensino, daí a devoção dos estudantes por tão milagreira *Deusa*.

Enquanto, por conseguinte, não se modificar o ensino universitário, inutilizando naturalmente o valor até hoje iniludível, (embora prejudicial) da Senhora Sebenta, os estudantes sairão das Universidades mais

GOETHE E SPINOZA

Para Lucrécio, como para Xenófanes, o *Tudo é uno*, Lucrécio sustenta que nenhuma coisa aparece neste mundo, cuja criação e existência não fôssem favorecida pela morte de outra coisa, e deixa resolvido o complicado enigma da evolução biológica deste modo: «Nada aparece no corpo humano com o fim de o utilizarmos, mas, pelo contrário, o seu aparecimento coincide sempre com a necessidade do seu uso». Dentro da sua filosofia natural, com a ingenuidade característica do paganismo helénico, o poeta latino reconhece que tudo está perfeitamente bem organizado neste mundo. E quanto à conduta «a sua vida está cheia de frutos e abstinências», diz S. Jerónimo.

Ao contrário do ingénuo Lucrécio, Dante emprega uma subtilidade espumosa para expôr-nos a complexa filosofia dualista. O seu poema *A divina Comédia* é a expressão artística mais perfeita que possuímos do conceito filosófico medieval, isto é, do pessimismo. Por isso, foi o *Inferno* aquela parte do poema em que o autor arrancou as mais vibrantes notas de sua maravilhosa lira. De acordo com o critério medieval, completamente negativo, a humildade, a contricção e o temor ao demónio figuravam entre as maiores virtudes. Dante odiava os pescadores, os reprobos, aqueles que estavam condenados ao inferno por toda a eternidade para maior glória de Deus. Beatriz é um símbolo; simboliza a Teologia que, segundo vimos, abarca toda a escassa sabedoria daquela época. A obra de Dante é a mais fiel interpretação que existe da teologia bíblica ou judio-cristã, que é essencialmente pessimista.

Mas como o poeta italiano era um génio, dotado por isso, «da faculdade de dizer verdades que não tinha por averiguadas», muitas vezes a sua inspiração, sub-conscientemente, levava-o a dizer verdades que iam de encontro aos seus propósitos bíblicos, dualistas, pessimistas. Por isso se tem dito que a sua filosofia incidental é superior à sua filosofia geral. Tal sucede quando, por exemplo, no *Paraíso* (XXXIII, 143/4) canta que o seu amor é uma chispa de *L'amore che move il sol e l'altre stelle*.

Adiantando-se assim ao panteísmo de Goethe, quando este nos faz ver que o amor, em todas as suas formas, é um só: desde a recíproca atracção dos astros até aos átomos, e desde as substâncias químicas até aos corações como os de Romeu e Julieta... Mas ao sair do subconsciente, Dante — aqui fala Santayana — «não tem uma ideia justa do caminho da felicidade e nas verdadeiras condições. O seu conceito da Natureza é uma imagem invertida do mundo moral e reflectida no céu, como uma sombra gigantesca: uma miragem».

Fausto é para o monismo filosófico moderno o que *Naturam rerum* é para o panteísmo científico antigo e *A Divina Comédia* para a teologia medieval. A originalidade que eleva Lucrécio acima dos demais poetas antigos — sem excluir Homero — foi o ter-nos sabido apresentar no seu poema os diversos conhecimentos científicos e filosóficos da sua época.

(Continuara)

deformados do que formados, mais aptos às erupções da linguagem burlesca do que às prerogativas resultantes duma verdadeira formação cultural. Grande lição veio dar um professor catedrático duma Universidade francesa entregando, aos alunos, as suas lições para serem publicadas. Que este exemplo frutifique beneficemente nos nossos meios universitários.

Luis Regala.